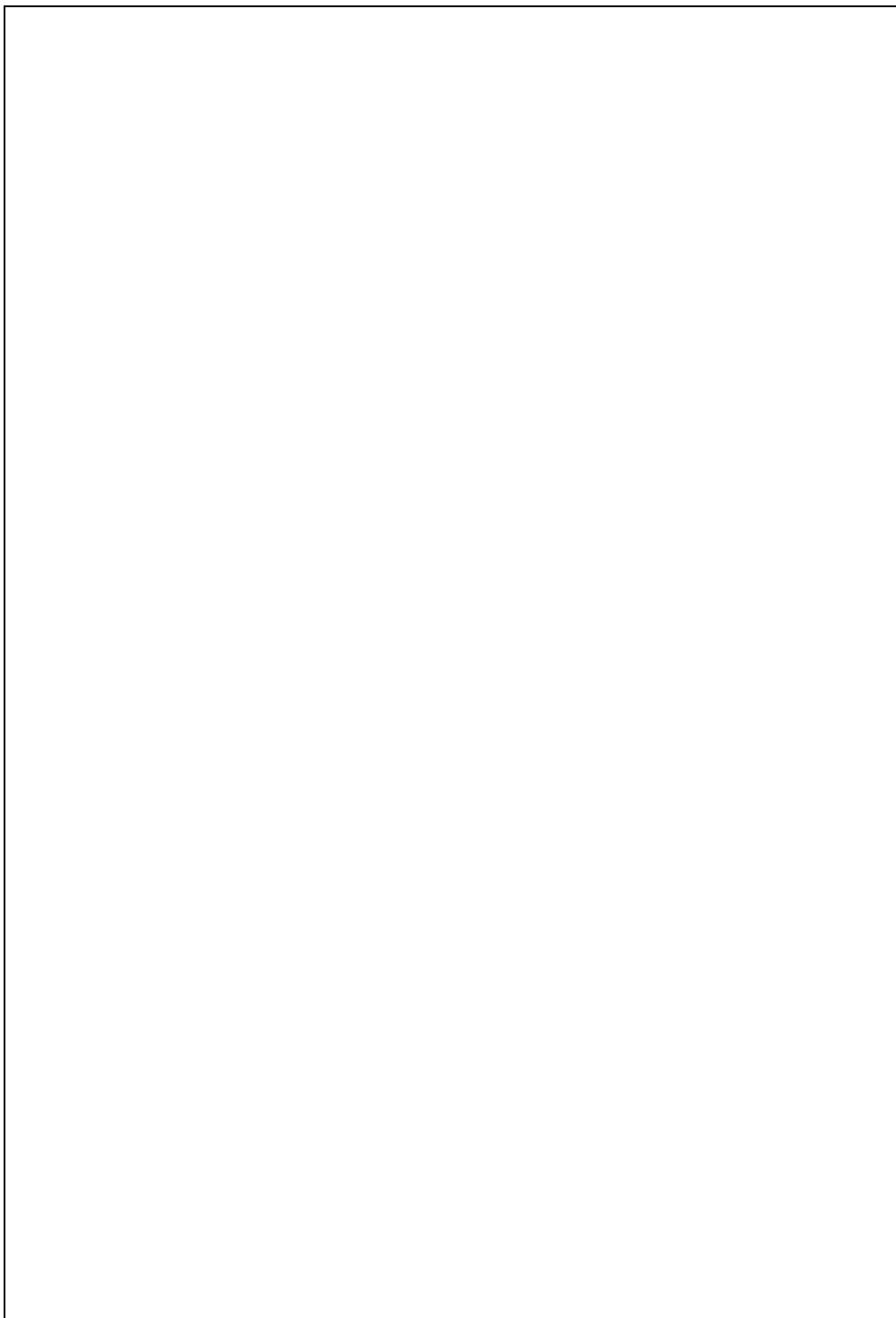
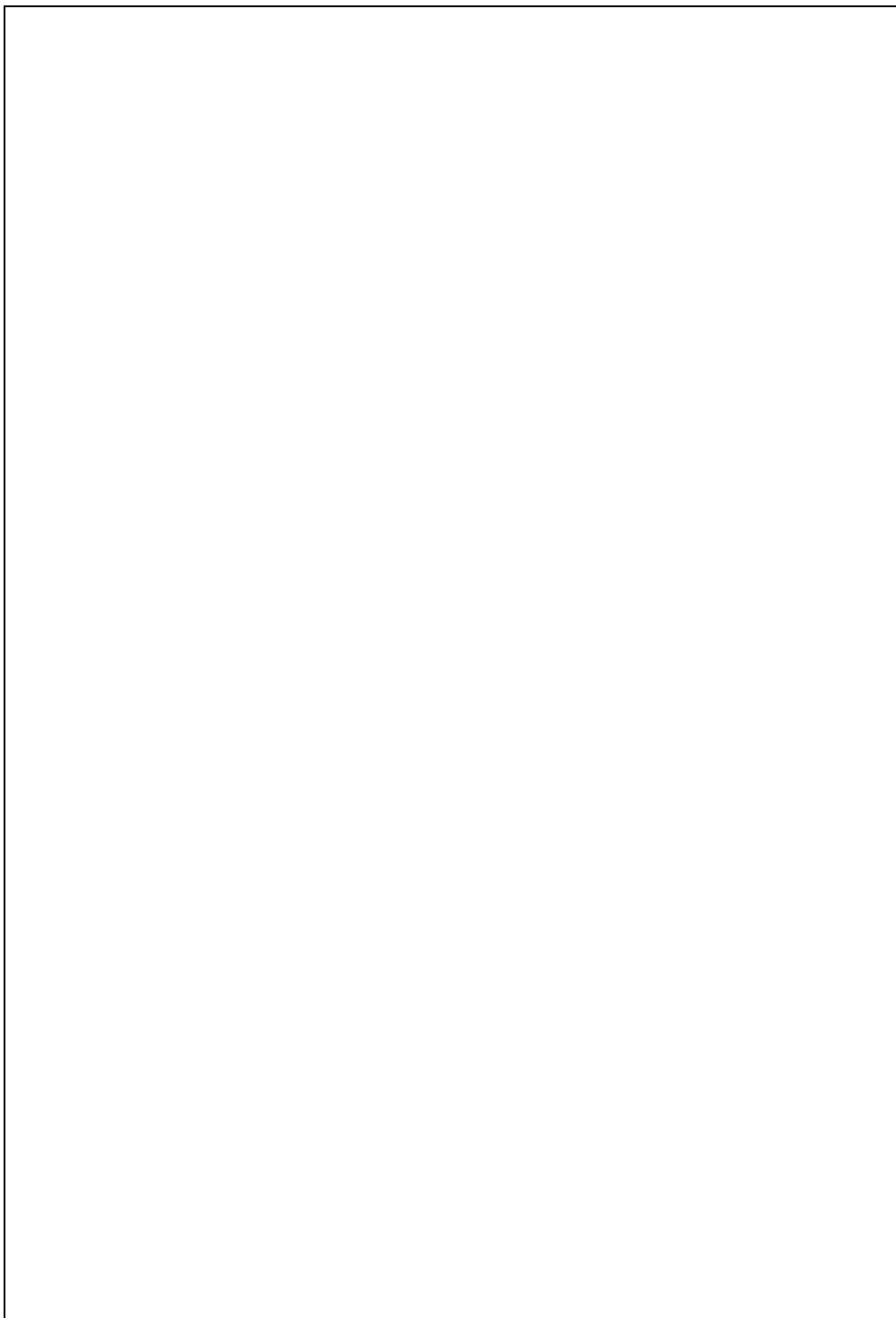






GUAÇUÍ/ES
ENSAIO & HISTÓRIA
COLONIZAÇÃO
DESENVOLVIMENTO & CULTURA

Copyright© 2014 do Autor

*Todos os direitos desta edição reservados à
Miguel Aparecido Teodoro*

Ilustração da Capa
Professora Elcinéia Lanes

Editoração eletrônica
CetedWeb

Impressão e acabamento
Agbook - alphagraphics

Dados de Catalogação
Domingos Sávio Côgo

Dados Internacionais de Catalogação para Publicação

Teodoro, Miguel Aparecido
Guaçuí, ensaio & história : colonização :
desenvolvimento & cultura / Miguel Aparecido Teodoro.-
- Guaçuí : agBook, 2014.
354 p. : il. ; 21cm

Inclui bibliografias e índice

ISBN: 978-85-65826-32-7

1. Guaçuí (ES) - História. 2. Guaçuí (ES) - Aspectos
políticos. 3. Guaçuí (ES) - Aspectos econômicos. 4.
Guaçuí (ES) - Vida e costumes sociais. I. Título.

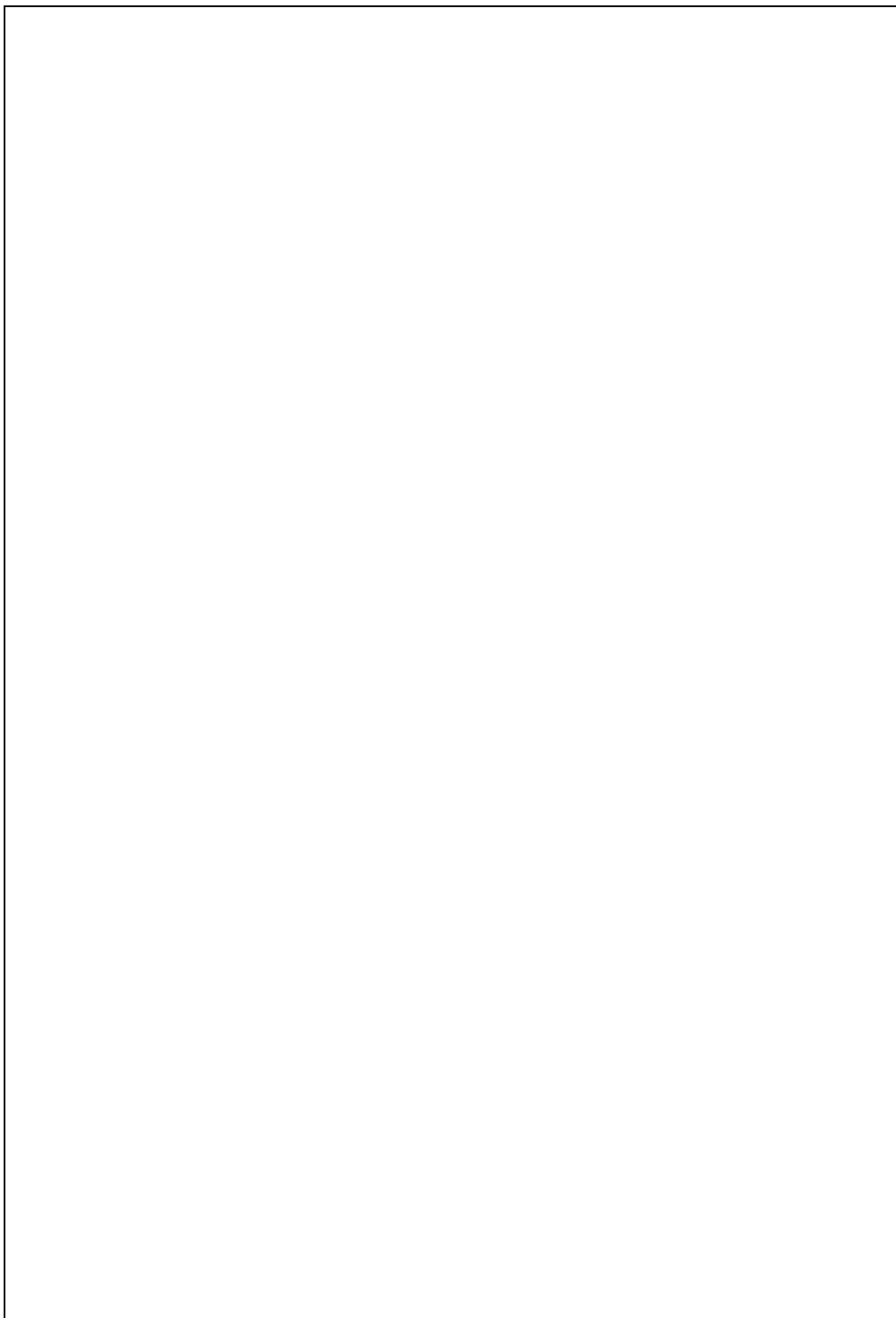
CDD 22 -- 981.52

2014

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, por fotocópia ou gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistemas de bancos de dados sem a expressa autorização do Autor.

Todos os direitos reservados ao Autor.
Rua Dolores Magalhães Machado, 51, Bela Vista
CEP: 29560-000 - Guaçuí - ES

"... E se me perguntarem em que tempo vivi... direi com muito orgulho que vivi no tempo de Emília, Margarida, João Borges, Bruno, Terezinha, Bruninho, Carlinho, Tezinha, Félix, Maria e Carmenlúcia...."



Dedicatória

À memória de Bruno Theodoro do Rosário e Terezinha Leopoldina de Aguiar, grandes sábios, aos pés dos quais tive a honra e o privilégio de ser educado.

Fizeram-se sábios ao administrarem suas vidas sob a égide da paz e da partilha com seus semelhantes.

Fizeram-se mestres ao ensinar-nos quando devíamos ser o que somos e ser o que viemos para ser neste mundo.

Fizeram-se homem e mulher, marido e esposa e se tornaram pai e mãe ao orientarem e animarem seus filhos, e quando os ensinaram a buscar por um caminho singular, com respeito e dignidade, as próprias vidas em todos os tempos... com todos os seus contratempos.

E, ainda, carinhosamente, dedico este meu livro, resultado de mais de vinte anos de pesquisa, à minha esposa, meus filhos, genros, noras e netos, como também, aos estudantes das gerações futuras e a todos meus alunos. Espero que perdoem-me pelos erros cometido como marido, pai, sogro, avô e profissional e, sobretudo, como professor. Por favor, peço que não cobrem muito desse simples espírito que passa por esta vida que nos ensina que dela não levamos nada, a não ser o amor que praticamos.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que, ainda em vida, foram os grandes incentivadores para a elaboração deste meu trabalho. Também a meus irmãos Bruno Teodoro Filho (In Memoriam), Carlos, Terezinha (Tezinha), Maria e Carmenlúcia, por me ajudarem a recordar muitos fatos daqueles tempos de nossa infância.

Ainda agradeço, com um carinho muito especial, à minha querida octogenária Tia Alzira (irmã de meu pai), que me concedeu muitas informações concernentes aos nossos antepassados purís, particularmente, as que dizem respeito aos tempos de minha bisavó e de minha avó - índias puris - que, cada uma a seu modo, conseguiram alcançar quase um século de vida sendo que a primeira faleceu em 1954 e, a segunda, em 1998, as quais homenageio através das figuras 07 e 08, que se encontram respectivamente às páginas 42 e 43 desta obra.

Não seria elegante de minha parte se, aqui, não mencionasse os funcionários do Legislativo Municipal, pela gentileza de terem sido sempre solícitos quando os procurei, fornecendo-me o necessário para a conclusão de parte de minhas pesquisas, sobretudo os companheiros Marco Costa e Antônio Joaquim.

Enfatizo, também, meus agradecimentos a Domingos Sávio Côgo pelas ricas e valorosas contribuições dadas para a elaboração do fichamento catalográfico desta obra.

E a todos os demais inestimáveis seres humanos cultivadores e preservadores da Cultura e da História de nosso município, os quais me concederam entrevistas.

Muito obrigado.

Índice

Prefácio	13
Hino de Guaçuí	17
O Brasão	18
A Bandeira	19
Introdução	21
Dados Político-Administrativos de Guaçuí/ES	25
O significado do nome "Guaçuí"	27
Parte I	31
1. Os primeiros habitantes indígenas da região	33
Parte II	44
2. A Colonização de Guaçuí	46
2.1 O Período de 1820 a 1838	49
2.2 O Período de 1838 a 1864	54
2.3 Como se deu a distribuição das terras	56
Parte III	65
3 A Escravidão em Guaçuí	67
Parte IV	79
4 Visão geral sobre a segunda metade do século XIX	81
4.1 A 1ª Comissão Administrativa	86
4.2 Alguns dados cronológicos do século XIX	94
Parte V	99
5 O nascente século XX e as primeiras mudanças	100
5.1 Dados cronológicos de 1901 a 1920	105
5.2 Vinte e um anos de lutas pela emancipação política de Guaçuí	115
5.3 Transcrição da Lei Estadual Nº 1688/28, que cria o Município de Veado (Guaçuí)	119
5.4 Transcrição da Ata de Criação e Implantação do Município de Veado (Guaçuí)	121
5.5 Transcrição da Ata de Posse da 1ª Câmara Municipal de Veado	129
5.6 Transcrição da Ata de Posse do 1º Prefeito Municipal de Veado	134
5.7 Representantes do Povo na 1ª Câmara Municipal de São Miguel do Veado, empossada em 20 de julho de 1929	140
Parte VI	141
6 A Administração Pública após a emancipação	

política.....	143
6.1 Antecedentes: Síntese do governo provisório de Suetônio de Rezende Peixoto (28/12/1928 a 10/10/1929) após a emancipação política de Guaçuí - ES	144
6.2 O Governo de Manoel Monteiro Torres (10/08/1929 a 15/10/1930)	145
6.3 O Governo de Demerval Amaral (15/10/1930 a 22/06/1935)	146
6.4 O Governo de Manoel Alves de Siqueira (22/06/1935 a 27/07/1943)	147
6.5 O Governo de José Horta de Araújo (27/07/1943 a 26/01/1944)	151
6.6 O Governo de Fernando Nogueira (26/01/1944 a 27/10/1945)	152
6.7 O Governo de Urcecino Ourique de Aguiar (27/10/1945 a 18/11/1945)	152
6.8 O 1º Governo de Francisco Lacerda de Aguiar (18/11/1945 a 16/04/1947)	153
6.9 O 1º Governo de José Henrique Cortat (16/04/1947 a 18/12/1947)	154
6.10 O 2º Governo de Francisco Lacerda de Aguiar (18/12/1947 a 19/12/1950)	155
6.11 O Governo de Osório Marques (18/12/1950 a 31/01/1951)	156
6.12 O 2º Governo de José Henrique Cortat (31/01/1951 a 31/01/1955)	156
6.13 O 1º Governo de Djalma de Sá Oliveira (31/01/1955 a 02/02/1959)	158
6.14 O Governo de Eugênio de Souza Paixão (02/02/1959 a 31/12/1962)	158
6.15 O Governo de Haylson Lobo Junger (31/12/1962 a 31/12/1963)	159
6.16 O 2º Governo de Djalma de Sá Oliveira (01/01/1964 a 31/01/1967)	159
6.17 O Governo de Arnaldo Lucindo (31/01/1967 a 31/01/1971)	162
6.18 O 1º Governo de Norival Couzi (31/01/1971 a 31/01/1973)	164

6.19 O Governo de José Rezende Vargas (31/01/1973 a 01/10/1975)	165
6.20 O Governo de Vicente Ridolphi (01/10/1975 a 01/11/1975)	168
6.21 O 2º Governo de Norival Couzi (31/01/1977 a 31/01/1983)	169
6.22 O 1º Governo de Luiz Ferraz Moulin (31/01/1983 a 31/01/1987)	171
6.23 O Governo de Hélio Fernandes Rodrigues (01/02/1987 a 01/01/1989)	175
6.24 O 3º Governo de Norival Couzi (01/01/1989 a 15/11/1992)	177
6.25 O 1º Governo de João Leonel de Souza (16/11/1992 a 31/12/1992)	179
6.26 O 2º Governo de Luiz Ferraz Moulin (01/01/1993 a 31/12/1996)	179
6.27 O 2º Governo de João Leonel de Souza (01/01/1997 a 31/12/2000)	182
6.28 O 1º Governo de Luciano Manoel Machado (01/01/2001 a 31/12/2004)	183
6.29 O 2º Governo de Luciano Manoel Machado (01/01/2005 a 04/09/2006)	186
6.30 O Governo de Rubens Marcelino de Souza (05/09/2006 a 31/12/2006)	188
6.31 O Governo de Lucimar Moreira Carvalho (01/01/2007 a 31/01/07)	189
6.32 O 1º e 2º Governo de Vagner Rodrigues Pereira (31/01/2007 a 31/12/2008 e 01/01/2009 a 31/12/2012)	189
6.33 Vereadores eleitos desde a instalação da Câmara Municipal, no ano de 1929.....	191
Parte VII	196
7 O início da Paróquia de São Miguel.....	197
Parte VIII	203
8. Educação	204
Parte IX	216
9. Obras que marcaram	217
9.1 Nova Matriz	219
9.2 Monumento Centenário	223

9.3 O fazedor de "Bonecos"	227
9.4 Adelino José Jeveaux - O pioneiro nacional na captação e transmissão de sinal de TV. Guaçuí: uma realidade brasileira que se constrói	231
9.4.1 Transcrição de alguns recortes de noticiários referentes ao trabalho de captação de sinal efetuado pelo Sr. Adelino José Jeveaux	245
9.4.2 Telegramas recebidos pelo Sr. Adelino Jeveaux	251
Parte X	257
10 A importância da figura feminina no desenvolvimento cultural e político do município de Guaçuí	258
10.1 Emiliana Emery: Uma mulher ímpar	259
10.1.1 Transcrição da sentença do MM. Juiz de Direito da Comarca de Alegre/ES, Dr. Aloysio Aderito de Menezes, na qual mandou admitir D. Emiliana Emery como eleitora no Município de Veado, em 15 de julho de 1929.....	265
10.1.2 Transcrição de Reportagem sobre Dona Emiliana Emery, publicada na Revista "O Cruzeiro" em junho de 1950	269
10.2 A consciência política da mulher guaçuense.....	270
10.3 A realidade social da mulher e sua participação política	273
10.4 A mulher negra: a escola e a diferença cultural .	277
10.5 Essas negras mulheres... vencedoras	282
Parte XI	289
11. Memória Iconográfica do Esporte em Guaçuí - ES .	290
Parte Final	301
12. Notas	303
13. Considerações finais.....	327
14. O Museu da Saudade.....	331
15. Reminiscências... E, se te perguntarem.....	335
16. Sobre o Autor	339
17. Bibliográficas consultadas.....	343
18. Fontes primárias	345
19. Fontes secundárias	349
20. Apoio Cultural	353

Prefácio

Certa vez, disse Kahlil Gibran que *"Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem"*. Tendo por fundamentação teórica esta nata do pensamento, o autor de GUAÇUÍ - Ensaio & História: Colonização. Desenvolvimento & Cultura, Miguel Aparecido Teodoro, que é o Historiador que assina este livro e, além de tudo, é filho da terra.

Este autor, de pé, imbuído de fé e desprendimento e, sobretudo, do desejo de ver registrado a História do município no qual nasceu, traz consigo, nesta obra, o espírito da cultura do sentido pátrio cujo objetivo é dar possibilidades às gerações futuras de conhecerem o passado do berço em que nasceram. Diante de suas narrativas históricas esconde-se o tesouro da realidade dos primeiros habitantes que aqui viveram e que, hoje, já não existem mais. Presença não nomeada na indiferença do desbravador que aqui chegou na busca de espaços para o cultivo de plantas e vegetações, sobretudo, para a exploração da lavoura cafeeira e, também, para a criação do gado e a produção de carnes.

E assim, após um momento de espanto neste limiar marcado por uma colunata de morte, o conquistador irá escrever no lugar do outro e nele traçar a sua própria história. Fará desta região o espaço historiado de uma terra até, então, desconhecida, porém, inicialmente trabalhada por aborígenes que, aqui, foram denominados de índios Purís.

Neste livro cai por terra a imagem do herói, do conquistador, do vencedor, e se eleva a história do humilde, do homem simples, a história daquele que realmente buscou protagonizar os fatos.

Pode-se afirmar que este livro representa o início de uma nova era para o povo de Guaçuí. Certamente recheado de informações surpreendentes que nos fazem perceber claramente como é possível que o desconhecido se permite conhecer. Mas o que assim se faz é porque o autor elabora os relatos através de uma escrita fidedigna da realidade dos fatos, cuidadosamente investigados e pesquisados, levantados com esmero e dedicação e, sobretudo, com a preocupação de facilitar ao leitor as possibilidades de compreendê-los.

Em dois séculos de história todo empreendimento científico tem como características a produção de artefatos linguísticos autônomos e sua capacidade de transformar as coisas. Na verdade este livro foi inicialmente concebido como uma série de estudos destinados a marcar etapas cronológicas dessa prática nos séculos XIX, XX e XXI, mas, à medida em que se foi construindo a história, percebeu-se que o objetivo não correspondia à meta que se pretendia alcançar. Então a curiosidade deu lugar à cientificidade e, assim, não se pode permitir o "ouvi dizer" ou o "me contaram". O que, aliás, fica bem claro, pois o autor, forjado numa academia que se destaca pela cientificidade, elabora a obra com o requinte da fidelidade às fontes documentais.

Mais do que proceder a esta narrativa e interpretação dos fatos, por demais dócil à ficção de uma linearidade do tempo, pareceu preferível ao autor, tornar visível o lugar presente onde tudo toma forma, a particularidade do campo, a clareza do material pesquisado e dos processos de organização de uma nova sociedade nascente, sob a égide dos colonizadores que introduziram um novo *modus vivendis*, bem como, introduziram aqui, nestes sertões, a possibilidade do surgimento da miscigenação racial, uma vez que trouxeram consigo o elemento da raça negra composta de vasta escravaria.

A legitimidade da história que aqui se apresenta é um fato indiscutível, e talvez até, como diriam outros historiadores, tenha-se tornado uma nova "moda intelectual", pois, até o momento nada se produziu oficialmente sobre a história de Guaçuí/ES e, em decorrência disso, aqui se registra não somente o lançamento de um livro inédito nos anais de nossa história, mas o pioneirismo na arte historiográfica elaborada com cuidado científico, por quem de fato é habilitado para isso, uma vez que o autor é intitulado Mestre em História Social, por conquista e merecimento, mediante defesa de tese, cuja Universidade lhe outorgou todos os direitos e prerrogativas legais e, por isso, ousou-se imbuir da liberdade de escrever visando fornecer à posteridade dados que venham lhe servir de suporte para a compreensão dos princípios e verdades nas quais foi educada.

M.A.T

Hino de Guaçuí – ES

*Guaçuí, és pequenina!
Guaçuí, terra de amores!
Minha cidade menina!
Minha cidade de flores!
Terra de mil esplendores!
Guaçuí! Guaçuí! Guaçuí!*



Letra:
Professor
Antônio Carneiro Ribeiro

*És viva, és audaz!
Lembra a tribo Tupi.
Tens das auras o rumor
Na canção dos cafezais
Vivem doces madrigais
Na conjugação de amor!*



Música:
Professora
Célia V. Ferraz de Oliveira

*És viva, és audaz
Lembra a tribo Tupi.
Dos altaneiros ipês
Tens o canto de arapongas.
Músicas de tardes longas.
Pedestal de manganês!*

*És viva, és audaz
Lembra a tribo tupi.
Orgulho dos filhos teus.
De legítima união,
Cuja crença é uma oração
Recitada para Deus.*



O Brasão

Heraldista: Prof. A. Antônio Peixoto de Faria

Escudo Samarítico, inclinado pela coroa mural de oito torres de argente iluminada de gales - em campo de blau, formado em chefe, um exército estilo suíço de argente.

Rio Veados, que banha a cidade e já figurou no antigo topônimo da cidade de "São Miguel do Veados".

a) nos armamentos exteriores, o milho e o café representados, apontam os principais produtos oriundos da terra dadivosa e fértil, um dos esteios da economia municipal;

b) no listel de Gales (vermelho) - cor simbólica da dedicação, amor pátrio, audácia, intrepidez, coragem e valentia, inscreve-se em letras argentinas (prateadas), o topônimo identificando "GUAÇUÍ", acompanhado da frase de Cristo na ressurreição de Lázaro: "SURGE ET AMBULA" (Levanta-te e anda), ladeadas pela data de sua emancipação política: "25 de Dezembro de 1928".



A Bandeira

Heraldista: Prof. A. Antônio Peixoto de Faria

Será esquartelada em cruz, sendo os quartéis de azul, constituídos por faixas amarelas de dois módulos de largura, carregadas de sobre faixas vermelhas de um módulo, dispostas nos sentidos horizontal e vertical, entrecruzando ao centro, tendo neste ponto brocaste, um losango branco de oito módulos de comprimento por seis de altura, onde o brasão municipal é aplicado.

A Bandeira Municipal de Guaçuí, obedece a essa regra geral, sendo por opção "esquartelada em cruz", lembrando neste símbolo, o espírito cristão de seu povo. O Brasão aplicado na bandeira, representa o Governo Municipal e o losango branco, onde é contido, representa a própria cidade, sede do município - a cor amarela simboliza o esplendor, a grandeza e a riqueza soberana.

As faixas amarelas carregadas de sobre faixas vermelhas que esquartelam a bandeira, representam a irradiação do poder municipal, que expande a todos os quadrantes do seu território - a cor vermelha é símbolo de dedicação, amor pátrio, audácia, intrepidez, coragem e valentia.

Os quartéis azuis, assim constituídos, representam as propriedades rurais existentes no território municipal - a cor azul, simboliza: justiça, nobreza, perseverança, zelo e lealdade.

Introdução

Este livro é resultado de profundas análises e estudos efetuados no campo político, econômico, social e cultural de Guaçuí. Os depoimentos aqui registrados foram autorizados por todos que gentilmente nos concederam entrevistas e que muito colaboraram para sua realização.

Os documentos onde constam registros que antecedem à emancipação do Município de Guaçuí são escassos. Muitos fatos importantes se perderam e os recursos utilizados para resgatá-los, foram utilizados fundamentando-se na memória de pessoas que, à época da entrevista, já se encontravam praticamente centenárias. Infelizmente, alguns dos entrevistados, pouco depois de nos conceder suas entrevistas, vieram a falecer. Outros, porém, não gozam mais do privilégio de possuírem uma memória que os permitissem lembrar de determinados fatos do passado.

Embora a História Oral seja uma forma de se resgatar a história deste ou daquele povo, trata-se de uma forma de historiografia muito utilizada nos dias atuais, onde se busca enriquecer a ciência Histórica e, conforme já afirmamos apraz-nos utilizá-la, tendo em vista a escassez de registros e pelo fato de muitos deles, ainda, se encontrarem em lugares incertos e não sabidos, o que não deixa de ser um fato preocupante para o historiador que tem em mente o resgate da história de seu município.

Muitos acontecimentos anteriores à emancipação poderiam ser aqui registrados se, no passado, houvesse quem se preocupasse em escrevê-los. Não seriam obstáculos como esse que nos fariam fugir de nossos propósitos. Não, porque o resgate histórico através de memória

viva, requer muitos dias de incansáveis encontros e disponibilidade, tanto de entrevistadores quanto de quem é entrevistado.

O grande obstáculo, porém, foi o estado de saúde em que se encontravam muitos daqueles que se disponibilizaram em nos conceder entrevistas. Um fato que nos permitia iniciar uma entrevista e, muitas vezes, não nos permitia terminá-la pois quando retornávamos à casa do cidadão, ele não se encontrava mais em nosso meio, pois havia falecido. Fato que caracteriza um dos grandes problemas e obstáculos para o método da História Oral.

Foi assim que pudemos registrar neste nosso trabalho que cerca de, aproximadamente, quarenta anos haviam se passado desde a chegada dos primeiros homens brancos - desbravadores que, em primeiro momento, expulsaram os índios que aqui habitavam e, depois, brancos e negros vieram, como colonizadores, compartilhar essa terra. Neste período muitos faleceram e foram enterrados em lugares diversos, sobretudo numa pequena colina na qual onde se faria construir a primeira capela que ficaria sob a jurisdição do Bispado de Mariana até 1895, quando, então, seria criado o Bispado da Província do Espírito Santo.

Ao iniciarmos a etapa de coleta de dados e darmos início às pesquisas sobre a formação embrionária do Município de Guaçuí, deparamo-nos com uma tarefa árdua, difícil e cansativa e, até mesmo, desanimadora. Entretanto, conseguimos em Mariana, sede do Bispado desta região até 1895, vasta documentação que se encontram no Arquivo Eclesiástico, porém, aqueles documentos apresentam dificuldades para serem manipulados, pois, os mesmos, tornaram-se vítimas das traças, cupins e do tempo. Mesmo assim, conseguimos coletar muitas informações nos registros que lá conseguimos e que

nos ajudaram identificar e compilar muitos dados precisos relacionados à nossa história.

Todavia, esclarecemos que os cartórios de nossa cidade, o arquivo paroquial e de outras igrejas, arquivos escolares, arquivos de escritórios de contabilidade, museus e arquivos do Ministério Público, bem como, do Fórum, e, também, de particulares, são considerados ricas fontes documentais, mas, infelizmente, nem todos compreendem o verdadeiro significado de uma pesquisa.

Em arquivos da Assembléia Legislativa de nosso Estado encontramos ricas fontes e documentos onde se podem coletar importantíssimos dados sobre a nossa emancipação política. Mas, não podemos desprezar a riqueza dos conteúdos obtidos com a Tradição Oral, através da qual pudemos obter alguns dados importantes os quais não poderíamos deixar de mencioná-los como, por exemplo, é o caso deste poema indígena conseguido através de entrevista com uma velha descendente indígena, quase centenária.:

Ymyrapitã. êh!¹

Ybyrá + pytã.

Ybirá, madeira.

Pitã, pytanga.

Árvore, madeira.

Madeira vermelha.

Cor de fogo, brasa

Braseiro.

Brasil, brasileiro.

Da Fauna e da flora.

Dos rios e matas.

Planícies e planaltos.

Dos Vales e montes.

Das florestas e relvas.

De índios Tupis.

De Tupis-Guaranis,

Aymorés, Botocudos

Temiminós, Purís.

E, dos Purís: suu' açú' y.

De suassú, uassú+y.

Do pequeno veado.

Do rio pequeno.

Pequena Guaçuí.

¹ Ymyrapitã: ybyrá = árvore, madeira + pytã (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, brasil ou braseiro.

Dados Políticos-Administrativos de Guaçuí/ES

A pequena porção de terra que, hoje, pode ser localizada pelas coordenadas de 20° 46' 38" de latitude sul e 41° 40' 44" de longitude W. Gr, e cuja altitude, no centro da cidade, equivale a 586m; e no alto do Morro do Caracol, 910m; e no Tênis Clube, 604m; e, ainda, na Colina do Cristo Redentor, 705m; nos primórdios de sua colonização era conhecida por São Bom Jesus do Livramento e obteve, pela Resolução nº 122, de 25 de novembro de 1861, a sua primeira formação administrativa com a criação da Subdelegacia de Polícia de Veado na Paróquia de Alegre, Município de Itapemirim – ES.

Pela Lei nº 9, de 13 de julho de 1866, foi criada e denominada a Freguezia do Veado, com a invocação de São Miguel.

Pela Lei nº 1, de 7 de outubro de 1872, foi criado e denominado o Distrito da Paz, no lugar, anteriormente conhecido por Freguezia Veado, do termo da Vila de Cachoeiro de Itapemirim – ES.

Pela Lei nº 18, de 3 de abril de 1884, São Miguel do Veado foi desmembrado do Município de Cachoeiro de Itapemirim - ES.

Em 11 de novembro de 1890, pelo Decreto Estadual nº 53, será criada a Intendência Municipal de Alegre, inaugurada em 6 de janeiro de 1891.

A 16 de janeiro de 1928, o distrito foi elevado à categoria de Vila de São Miguel do Veado com a instalação do município, desmembrando-o, definitivamente, de Alegre.

Em 25 de dezembro de 1928, pela Lei Estadual Nº 1688/28, foi decretada a criação do município de São Miguel do Veado, e a Lei Estadual nº 1722 concedeu-lhe o status de cidade em 30 de dezembro de 1929.

Em 10 de janeiro de 1929 foi instalado, por Suetônio Rezende Peixoto, o Município de Veado; e, em 20 de julho de 1929 instala-se a primeira Câmara Municipal. E, no dia 31 de julho do mesmo ano toma posse o primeiro prefeito eleito.

Em 1931 o nome do município de São Miguel do Veado foi mudado para Siqueira Campos.

Finalmente, o Decreto-Estadual nº 15.177, de 31 de dezembro de 1943, definitivamente, denomina-o de Guaçuí.

O significado do nome "Guaçuí"

No afã das discussões que antecederam e culminaram na emancipação do município de Guaçuí, um tema que sempre foi pauta de inúmeras reuniões, era o que envolvia a escolha do nome para o futuro município. Os participantes daqueles encontros julgaram que a denominação dada à Freguezia, tornou-se pejorativa. A expressão “Veado”, que terminava o nome deste vilarejo, soava em tom de zombaria nas grandes rodas do mundo político da província do Espírito Santo, bem como nas comarcas vizinhas. Fato que se tornava base da insatisfação daqueles que aqui habitavam.

De outro modo, há que se registrar salvo engano, certa falta de conhecimento por parte daquelas pessoas, em relação à língua Tupi; e ainda, devemos considerar a hipótese de que, em 1928, não restava aqui nenhum remanescente puri que não tivesse sido aculturado e que tenha preservado a utilização do dialeto de nossos antepassados de origem Puri que, aqui, praticava um dialeto que pode ser considerado uma ramificação da língua Tupi.

Os índios purís não o utilizavam em sua forma culta de linguagem, o que fez com que muitos se enganassem quanto ao significado que foi dado ao nome “Guaçuí”.

Por sua vez, há que se ressaltar, segundo o especialista em língua Tupi, Professor Dr. Gabriel, da Universidade de Teologia da

Bélgica, poliglota, honorável biblista, tradutor e profundo conhecedor dos dialetos da língua Tupi, a letra “y” determina, tanto se utilizada na forma de prefixo ou pósfixo, a alteração do significado do substantivo que venha anteceder ou suceder, neste caso, o termo “uassú”.

Ainda, de acordo com o referido Professor e especialista, dependendo da ramificação da língua Tupi, o termo “veado” é originário da seguinte palavra indígena: *suu’ací’y* = *suassú*, o que não é caso daquele que aqui foi utilizado.

De outra forma, devemos considerar a falta de conhecimento dos bandeirantes, que aqui chegaram, em relação aos dialetos da língua Tupi que era praticada pelos índios Purís desta região.

A tradução acima era aplicada pelas tribos do sul de nosso país e, com certeza, foi orientada por algum batedor que desconhecia os dialetos que aqui se praticava.

Portanto, a utilização do referido termo não poderia ter sido aplicada, pelos bandeirantes, para denominar essa região.

Na localidade que compreendeu, no passado, ao município de Guaçuí, ou seja: de Dorcas do Rio Preto até Divino de São Lourenço, o termo “uassú” era aqui aplicado pelos índios Purís quando eles se referenciavam às suas águas, podendo ser grandes ou pequenas. Nesse caso, a junção do substantivo próprio “uassú” somado ao pósfixo “y” significa “água”, “rio”, “brejo”, “águas pequenas” ou “rio pequeno”.

Coube, portanto, às gerações que sucederam aos primeiros colonos acrescentar a consoante “*g*” ao referido substantivo.

Conclusão: a teoria do Dr. Gabriel contradiz a denominação dada pelos colonizadores, cuja teoria leva entender que este lugar foi batizado, a princípio, como “São Miguel do Veado”, quando, na realidade, estudos recentes obriga-nos a rever tal teoria, pois a tradução, segundo as orientações do Dr. Gabriel, o lugar deveria ser denominado de “São Miguel das Águas Pequenas” ou “São Miguel do Rio Pequeno”.



Freguesia de São Miguel do Vendado/ES - 1929

Foto do Arquivo de
Jonathas Faria Júnior

PARTE I

1 Os primeiros habitantes indígenas da região

No início, as matas eram habitadas somente por animais, pássaros e peixes, que dominavam toda esta vasta área de beleza exuberante formada por montanhas, rios e cachoeiras. Uma paisagem digna de admiração pela sua beleza: Árvores milenares, terra fértil e rio escaldante. Quando os primeiros colonizadores aqui chegaram, encontraram várias comunidades indígenas organizadas e espalhadas pela região. Era a tribo dos índios Puris.



Figura 1: Características físicas do índio Puri

Fonte: Arquivo Nacional

Foi com a presença do indianista Guido Tomaz Malière, nomeado diretor geral dos índios da Província de Minas Gerais, pelo Imperador Dom Pedro I, que se estabeleceu um melhor relacionamento entre índios e brancos. Surgia, assim, nesta região, pelos sertões do que, hoje, se compreende por Zona da Mata Mineira e Caparaó, a presença constante de tropeiros (desbravadores de regiões ainda inexploradas), a fim de comercializarem suas mercadorias ou na conquista de terras de Sesmaria. A riqueza dessas terras banhadas por uma rica bacia hidrográfica e a facilidade de locomoção na região despertou a atenção de aventureiros portugueses e mineiros.

Assim, estabeleceu-se uma relação de desmando por parte dos brancos desbravadores, ironicamente denominados de mitos e heróis - conforme se registrou nos auspícios de 1983, com intuito de se fazer o resgate histórico da região, questões contraditórias sobre a colonização de Guaçuí surgiram e fizeram-se publicar uma história completamente controversa à realidade dos fatos: a versão de que os bandeirantes mineiros aqui chegaram desbravando uma terra inóspita não pode ser considerada verídica, pois, pelo que consta, grande parte das aldeias aqui encontradas foram dizimadas, uma vez que solo e sua fertilidade, somados à abundância dos recursos naturais fizeram desta região um local escolhido, uma parada obrigatória.

Os primeiros habitantes desta região, que hoje corresponde a zona da mata mineira, ao vale do caparaó e boa parte do centro-sul do Espírito Santo, envolvendo todos os seus municípios, foram os índios Puris, que viviam organizados em comunidades neolíticas.



Figura 2: Índio Puri. Por Rugendas
Fonte: Arquivo Nacional

Recentes descobertas arqueológicas indicam que aqui se fixaram há cerca de vinte mil anos atrás. Muito antes da chegada dos bandeirantes e aventureiros, que para cá vieram atraídos pela riqueza das terras, a que todo sul do Espírito Santo assistiu, a partir do início do século XIX.

²De acordo com o pesquisador alemão Wilhelm Von Eschweg, que muito estudou e pesquisou a respeito dos indígenas que ocupavam as terras que hoje correspondem a Minas Gerais e Sul do Espírito Santo, os Puris é uma sub-raça dos índios Goytacazes e vieram para a região fugindo dos terríveis ataques dos Tamoios, na orla marítima fluminense, onde viviam no vale inferior do Rio Paraíba do Sul. Subiram pelo seu curso, pelo de seus afluentes e sub-afluentes e chegaram a esta região.

Segundo algumas pesquisas³ que realizamos em arquivos mineiros, apuramos que a tribo de índios Puris, após a investida dos bandeirantes mineiros, foram, em sua maioria, isoladas pelos primeiros habitantes das terras que, hoje, compreende aos municípios de Dorés do Rio Preto, Guaçuí, Divino de São Lourenço e aos Distritos de São Pedro de Rates e São Tiago. Eis algumas de suas características:

² Informações compiladas pelo autor, extraídas dos seguintes documentos: (1) Enciclopédia Barsa (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.) Eschwege, W. Ludwig von (1777-1855). (2) Jornal A Voz da Cidade, edição janeiro de 2000. Jornalista Wil Sérgio Brum (3) Home page www.sectran.rj.gov

³ Meses antes de concluir essas pesquisas, apresentei ao prefeito municipal, da época, um projeto, através do qual lhe propunha a possibilidade de se fazer, já, em seu período de governo, levantamento de dados documentais sobre nossa história para que se publicasse algo sério sobre as origens de nosso município. A princípio a idéia lhe agradou, mas, inexplicavelmente, meses depois, ele contratou um grupo de pesquisadores de Vitória-ES para que realizassem as pesquisas, cujo projeto era muito parecido com o de minha autoria, por um preço três vezes maior do que as despesas que apresentei no intes "Custos, de meu projeto. E, o mais interessante que o resultado, por eles apresentados, não condiz com a veracidade dos fatos.